III Congresso Internacional
das Licenciaturas
COINTER - PDVL2016

“NASCE UMA ROSA DO BARRO BRANCO”: TRAÇADOS DE GÊNERO NO FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE ÉTNICA E CULTURAL NAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS

Apresentação: Comunicação Oral

Autor Principal¹ Johnne Lendon Cardoso Lins; Coautor² Iago Silva Rodrigues; Orientador³ Jandson Ferreira da Silva

Resumo

Este texto vem mostrar, discutir, e principalmente valorizar a importância da mulher na construção de sua identidade étnica e cultural, enquanto integrante de comunidades quilombola. Tendo em vista, toda dificuldade que sempre enfrentaram de acordo com cada fase que o país passou, submetendo estas a inúmeras situações, sendo que, mesmo desprovidas de opinião e intelectualidade, foram protagonistas de suas próprias histórias, como também, da história de tantas e tantas comunidades espalhadas por todo país. Discutir sobre este protagonismo, é antes de tudo mergulhar em um mar de sentimentos, é se descobrir enquanto cidadão e cidadã, é se ver no outro, para que possa assim pelo menos por um instante tentar observar o meio em que vivemos da mesma forma que essas mulheres observam e conseguem de uma forma bem particular perceber o que precisa ser percebido e mudar o que precisa ser mudado. Voltando nossos olhares para tais questões, poderemos obter outra forma de entendimento, no que diz respeito ao desenvolvimento social, e no que se refere as conquistas adquiridas nos decorrer dos anos. Este texto também irá traçar uma linha histórica, mostrando a importância da mulher nas Comunidades Quilombolas, sua participação e seu protagonismo nessa longa trajetória que essas famílias vem vivendo desde a chegada do negro ao Brasil. Por fim, também fará discussões acerca do assunto, dialogando com pesquisadores que também adentraram nessa linha de pesquisa, e estão contribuindo para que cada vez mais essa questão seja observada por novas pesquisas e possa ser retratada, estudada, debatida e principalmente valorizada.

1

Licenciatura em Música, IFPE- Campus- Belo Jardim, E-mail: Johnnelclins.tuba@gmail.com

2

Licenciatura em Música, IFPE- Campus- Belo Jardim, E-mail: iago.rodrigues18@hotmail.com

3

Mestre, IFPE- Campus- Belo Jardim, E-mail: jandson.silva@belojardim.ifpe.edu.br

Introdução

A rapidez das informações que recebemos todos os dias em nossos contextos sociais contribuem para a construção das nossas identidades sociais, ao meso tempo e que fazem com que estas se conflite entre si . Vivemos numa constante evolução, sendo que a todo momento, somos confrontados com nós mesmos, com a sociedade que tratamos como “normal”, com o nosso olhar sobre o outro, de forma que ao evoluir, fazemos parte de uma cadeia onde todos os dias se exclui, se discrimina, se julga, por conceitos que nem sempre estão “corretos”. “O racismo e as outras de discriminação são desigualdades que já estão naturalizadas pela sociedade como algo normal” (HENRIQUES, 2002,p. 13).

propondo refletir sobre todo esse processo, este texto vem abordar questões acerca desse desenvolvimento, procurando olhar os fatos de vários ângulos para que assim se possa obter diversas formas de compreensão acerca do assunto que por si só é muito amplo, e implica numa série de fatos, que no decorrer dos anos fora determinantes no avanço de várias formas racismo e outras formas de exclusão, sendo esta questão também foco do texto em questão, propondo e analisando formas de inclusão em meio a globalização.

A posição de desigualdade e subordinação da mulher a respeito homem, implica numa série de fatores de uma sociedade com variadas culturas de valores, costumes, práticas e comportamentos, que de uma forma radical, não enxerga o ser mulher, deixando de reconhecer seu importante papel perante todos esses sistemas impostos a elas, sendo essas, autoras principais no desenvolvimento natural da humanidade.

“O movimento feminista foi responsável por muitas modificações culturais, dentre elas, o desenvolvimento teórico do conceito gênero, dando visibilidade a questões-chave para entender as construções sociais da identidade, o sistema de representação que gera posições- de-sujeito e os mecanismos envolvidos nesta dinâmica [...] (FELIPE, 2006,p.58).

Por conta da discriminação combinada de gênero, raça e etnia, e ainda, da prevalência de uma visão eurocêntrica na mídia, as mulheres negras e indígenas estão entre as mais afetadas na escala das desigualdades que persistem no brasil.

Fundamentação Teórica

Se reconhecer, foi de fato o primeiro passo para que as comunidades começassem a se procurar enquanto comunidade, reconhecimento este, que a mulher quilombola se fez com o passar dos anos, pelos direitos que foram conquistando perante a sociedade. Direitos estes, que ainda estão longe de ser alcançados de forma plena, pois, a sociedade capitalista que oferece apoio e desenvolvimento a mulher é a mesma que tira seus direitos e reprime sua cultura e sua autoestima. Leis que protejam as mulheres de ofensas, abusos maus tratos existem, são poucas mas existem, sendo essas muito pouco obedecidas, e de fato deixadas de lado pelo poder público. Criar novas leis é sem dúvidas uma das principais formas de se tentar estabelecer um respeito digno a mulher. Levando esta discussão para a mulher quilombola, podemos observar algumas leis que de fato tentam proteger a comunidade mas não a mulher de modo que, esta é entendida como um todo da comunidade. Esta observação mais profunda e específica, é o desafio de várias pesquisas agora direcionadas a essa questão, depois de se notar vários aspectos que apontam a mulher quilombola como fator principal da mesma, trazendo consigo grande parte da história e das lutas diárias para que se obtivesse grandes conquistas dentro das comunidades. Segundo HALL,

“ A crise identitária é parte constituinte de um processo de mudança bem mais amplo do que imaginamos ser. Essa mesma crise advém das novas “identidades” que surgem a cada momento, fazendo com que o sujeito perca, de alguma forma sua referência que até então proporcionava a ele uma “ancoragem social” estável”.(2006,p.7).

Um grande exemplo dentre tantos existentes sobre essas mulheres é apoio dado por elas aos filhos com relação a escola e a educação, pois, os homens em seu sentido natural segue a linhagem de direcionar seus filhos e filhas para o trabalho tanto na roça como também na manutenção da própria comunidade, sendo a mulher um sujeito de visão mais ampla, direcionando seus filhos e filhas para que possam construir seus próprios futuros e não continuar trabalhos herdados por seus pais. Este também foi um importante fator que levou as comunidades a irem além, que proporcionou a várias crianças quilombolas quebrar a barreira que por muito tempo separou as comunidades da educação “formal”, vindo esta logo a seguir contribuir de forma que impulsionou

estudos e pesquisas que posteriormente trariam importantes resultados para os quilombos. Todo este desenvolvimento pode ser bem vagaroso, porém muito importante, da mesma forma que o reconhecimento da mulher pode até demorar para acontecer, mais em estudos que estão sendo desenvolvidos em algumas comunidades, pode se notar que as mulheres não estão preocupadas no

4

reconhecimento do desenvolvimento das mesmas, e sim, em cumprir seus papéis, pois, para elas todo esse empenho a família como também a todos ao seu redor não passa de uma forma natural de se viver em sociedade, de se desenvolver enquanto sociedade, nos mostrando o profundo respeito que desde cedo é ensinado e praticado nas comunidades quilombolas. O avanço da educação nesse locais com a construção de novas escolas e até creches, vem fortalecendo o papel da mulher no reconhecimento das comunidades, sendo que elas são maioria nos sindicatos e associações que passam a integrar essas comunidades com o intuito de conseguir mais recursos perante o governo. Disponibilidade esta que também as permite de fazer viagens mais longas para eventos que focam nessa construção de identidade, buscando parcerias e incentivos direcionados a comunidade.

Uma Discussão sobre Metodologias e Resultados

Torna-se de fundamental importância que possamos observar melhor essas comunidades e principalmente estas pessoas que as integram, pois, assim poderemos influenciar de forma objetiva nesta aculturação imposta a eles, principalmente, e tempos onde a mulher começa a ganhar seu espaço na sociedade, começando a ser vista como capaz, responsável etc. Voltar esse olhar para a mulher quilombola, é compreender o desenvolvimento em sua face mais íntima, pois essas mulheres mesmo estando subordinadas aos homens, estabeleceram de uma forma bem particular seu espaço e meio ao contratempo.

Ao incluir a pesquisa no dia a dia dessas comunidades, começa-se a desenvolver uma mudança tanto de identidade, como também de vida, pois, esta crise identitária que se veu hoje em dia nas comunidades, é fruto de um grande processo que vem se arrastando no decorrer do tempo. O texto vem debater todas essas contradições, tentando contribuir para uma futura melhoria no que diz respeito aos direitos de gênero na sociedade. Atentando, para a quebra deste sistema imposto à vários anos que sufoca cada dia mais nossa população, principalmente, comunidades indígenas e quilombolas que são tratadas com indiferença, só por defenderem seus costumes e identidades culturais. Muito antes da abolição da escravidão no Brasil em 1888, a mulher quilombola já possuía

um importante papel na resistência à escravidão e a todos os seus malefícios, como também, nos quilombos que iam se formando no momento em que conseguiam fugir de seus “donos”. A mulher sempre foi mais participativa, primeiro por motivos óbvios, pois, a caçada aos homens eram mais intensas, possibilitando assim que mais mulheres fosse se juntando nos quilombos.

5

A partir do momento em que a abolição se torna fato, começa-se uma grande migração de famílias inteiras e busca de terras onde pudessem viver e sustentar suas famílias, neste momento entra em cena o latifundiarismo, pois, nesse período as disputas por terras era grandes, as famílias quase sempre perdiam por que não possuíam nenhum comprovante sobre as terras, ficando subordinados a fazendeiros e senhores de engenho que pagava muito pouco e troca de muito trabalho. As famílias que não aceitavam essas condições, passaram a andar muito mais, e procurar terras cada vez mais longe, onde pudessem cultivar suas plantações e criar seus filhos.

As mulheres quilombolas trabalhavam igualmente aos homens, desde a construção de seus barracos de taipa (construções de madeira e barro) e de palha, até o trabalho na roça, que exigia muito dessas mulheres por ter que trabalhar e cuidar de seus filhos. E muitos casos, eram mães solteiras, o que era muito comum, e ainda é hoje em dia nas comunidades ainda existentes, fazendo com que essas não tivessem escolha, pois, mesmo encontrando outros parceiros aquela realidade de vida já estava posta e foi se tornando “natural” no desenvolvimento das comunidades no passar dos anos.

A divisão de homens e mulheres no quilombo sempre teve suas divergências. Os homens poderiam ter duas, três e até mais esposas prática esta chamada de ‘poliandria’ (prática muito comum nos quilombos onde as mulheres sempre tinham vários parceiros concomitantes e filhos desses homens), tradição esta de suas terras natais para evitar a contenda entre os homens quilombolas pela falta de uma companheira. Em um ambiente marcado por conflitos agrários, a presença da mulher tem sido marcante no dia a dia da comunidade. Discussões de “rainha do lar” à presidente da comunidade, esta tem sido a trajetória de várias mulheres quilombolas, que com o passar do tempo ficaram responsáveis pela maioria das decisões tomadas nas comunidades.

A partir de terras conquistadas por meio de prestações de serviço de guerras como as lutas contra as insurreições ao lado de tropas oficiais, por doações de ordem religiosa, e de roças e economias próprias os quilombolas foram construindo seus territórios e expandindo sua população, que até então se resumiam nos grupos que originaram nas fazendas e engenhos. Segundo MENDES(2005), a territorialidade e identidade étnica são constituídas a partir da mobilidade, uso e saberes produzidos ao longo do tempo sobre o espaço que ocupam de forma a preservar e dar

continuidade aos ciclos vitais do ecossistema.

Atualmente existem comunidades quilombolas e palomemos 24 estados brasileiros, de um total de 2002 comunidades reconhecidas no país, só 138 conquistaram o título definitivo de suas terras. O direito dos quilombolas as terras está associado, ao direito de preservação à sua cultura e

6

organização social específica, ou seja, ao conceder a titulação, o poder público deverá fazê-lo respeitando as forma próprias que o grupo utiliza para ocupar a sua terra. De fato, aos poucos essas famílias foram conquistando seus espaços, sendo que até então continuam sofrendo com a invasão de suas terras, fato este, que nunca teve controle perante a justiça. Com tudo isso acontecendo, a mulher viu seus direitos dentro das comunidades aumentando, pois, como eram superiores em número, as decisões sempre passavam por elas, de forma que, situações desde pequenas a grandes e complexas como as discussões latifundiárias , começaram a ser decididas por elas. Hoje em dia , nas reuniões em comunidades quilombolas pode se notar que a grande maioria nas presidências e cargos importantes dentro das comunidades, são ocupados por mulheres, que vão à luta por seus direitos, e que já se reconhecem enquanto quilombolas.

Conclusões

Pesquisar sobre este assunto ainda é muito difícil, pois, ainda são poucas as referências e trabalhos, no entanto, o trabalho feminino deve ser olhado dentro da geografia rural e do gênero como um objeto precioso, que ao ser entendido e revelado à comunidade científica poderá subsidiar políticas públicas de fomento ao trabalho feminino e valorização de seu papel enquanto construtoras do continuísmo das relações e tradições culturais. Na realidade em que vivemos, somos influenciados a todo momento por um sistema de frequentes mudanças, sendo essas, frutos de um desenvolvimento que à muito tempo se constituiu no país. Tais mudanças, nos trouxeram muitos benefícios, como também, muitos malefícios, sendo esse último mais visível, considerando que, visando uma pirâmide social, a classe proprietária de recursos e que “dominam” a população, vem influenciando durante as gerações a aculturação que está levando embora, sufocando a cultura brasileira.

Ao olharmos a situação das comunidades indígenas e quilombolas a situação ainda é mais grave, pois, como vimos no início deste texto que o desenvolvimento das comunidades a partir da abolição da escravidão teve bastante influência do movimento agrário, podemos destacar que, hoje em dia esse ainda é um dos principais fatores do desaparecimento parcial de comunidades

remanescentes, sendo que , a disputa por propriedades rurais fogem do controle do governo beneficiando somente os fazendeiros. Como a autossustentabilidade é uma das tradições mais respeitadas nessas comunidades, pode se ver o tamanho das dificuldades enfrentadas por essas pessoas.

7

Da mesma forma que antes, a mulher quilombola nesta luta diária ainda possuem quase que os mesmos costumes, sendo esses, pouco influenciados pela diversificação de pessoas que acabaram entrando e fazendo parte dessas comunidades já que muitas mulheres casaram e foram viver fora da comunidade, e outras trouxeram seus parceiros para a mesma. Elas, como todas as mulheres continuam a trabalhar, cuidar de seus filhos e casas, e o mais importante, continuam a defender os interesses da comunidades, agora mais forte ainda ,já que, passaram a frequentar fóruns, exposições, congressos etc.

De fato essas comunidades hoje passam por processo de autorreconhecimento onde além de se fortalecerem como parte integrantes da comunidade, agora passam todas essas informações para seus descendentes, que já se desenvolvem sabedores de seus direitos, o que já não acontecia à muito tempo. Acompanhando este processo, a mulher é fator principal sendo ela responsável por quase todo esse desenrolar, pois, como o homem quilombola ainda é muito exclusivo ao sustento da família, a mulher se torna a principal forma de apoio no desenvolvimento de qualquer processo a se desenvolver na comunidade.

Reconhecer então esse pioneirismo e toda essa história, se torna agora o principal desafio de uma sociedade que se desenvolveu de forma equivocada e desequilibrada, pontuando conceitos inexistentes e dando prioridades a quem não precisava. Reconhece agora, que o processo do auto reconhecimento passa primeiro pelo reconhecimento do outro, sendo este um dos principais desafios da nova era.

Referências

CANDAU, Maria Vera. **Sociedade multicultural e educação; tensões e desafios.**In CANDAU, Maria Vera (org). Cultura(s) educação: entre o crítico e pós crítico. Rio de Janeiro.Dp & A, 2005.

FELIPE, C.N. **Masculinidade (s) em foco:** Construções discursivas sobre identidade de Gênero social. Dissertação de Mestrado. UFMG. 2006.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução: Tomas Tadeu da Silva e Guarcira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: Dp & A 2002.

HENRIQUES, R. **Raça e Gênero no sistema de ensino:** os limites das políticas universalistas na educação. UNESCO, 2002.

MENDES, P.M. **Segurança Alimentar em comunidades negras:** estudo comparativo de Santo Antônio (Concórdia do Pará) e cacau (Colares/ PA). Projeto de pesquisa. UNAMAZ. 2005